



L'HOMME QUI PARLAIT JAVANAIS A PARTIR DA ANALÍTICA BERMANIANA

L'HOMME QUI PARLAIT JAVANAIS FROM THE PERSPECTIVE OF THE BERMANIAN ANALYTICS

Regina Almeida do Amaral*, Marie-Hélène Catherine Torres**

RESUMO

“O homem que sabia javanês”, publicado pela primeira vez em 1911, é o conto mais traduzido de Lima Barreto. “L’homme qui parlait javanais”, sua tradução para o francês realizada por Monique Le Moing e publicada em 2012, parece apresentar um narrador-protagonista diferente, o que resulta no questionamento: o homem que sabia javanês é o mesmo que falava javanês? Nesse artigo, cinco trechos, onde a alteração na leitura do personagem fica mais evidente, foram selecionados. Cada um será analisado a fim de identificar as tendências deformadoras (BERMAN, 2014) que atuaram diretamente nessa modificação.

Palavras-chave: estudos da tradução; Lima Barreto; literatura brasileira traduzida; França.

ABSTRACT

First published in 1911, Lima Barreto’s “O homem que sabia javanês” is his most translated short story. Monique Le Moing’s translation into French published in 2012, “L’homme qui parlait javanais” seems to present in his title a different narrator-protagonist, which brings us to the question: is the man who knew Javanese the same man who spoke Javanese? For this article, we selected five excerpts of the short story where the change in the character’s reading is more evident. We seek to identify in each one the deforming tendencies (BERMAN, 2014) that acted directly on this change.

Keywords: translation studies; Lima Barreto; translated brazilian literature; France.

* Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução - POET da Universidade Federal do Ceará, Graduada (2021) em Letras - francês pela Universidade Federal do Pará. E-mail: regina.venturieri@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9961-2629>

** Professora das Pós-graduações em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET) e da Universidade Federal do Ceará (POET) e pesquisadora do CNPq. E-mail: marie.helene.torres@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9263-0162>

1 INTRODUÇÃO

Nos curtos 41 anos que viveu, de 1881 a 1922, Lima Barreto deixou publicados em livros quatro romances – *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915), *Numa e a Ninfa* (1915) e *Vida e Morte de Gonzaga de Sá* (1919) – e uma coletânea de contos – *Histórias e Sonhos* (1920) – e, em jornais, centenas de crônicas, ou, como ele próprio afirmou, artigos de várias naturezas, que poderiam ser classificados de diversas maneiras, inclusive como inclassificáveis (BARRETO, 1923). Após um período de relativo desinteresse em relação à sua obra, nos anos 1940, com a descoberta do espólio do autor (LOPES, 2020), começou-se um trabalho de resgate dela, encabeçado principalmente por Francisco de Assis Barbosa, o que impulsionou a reedição de textos já publicados, a edição de textos inéditos e, provavelmente, estimulou o início da sua internacionalização.

De acordo com Denise Bottmann (2018), entre 1946 e 2017, contos e romances do escritor carioca foram traduzidos para 15 idiomas. Dentre os contos, “O homem que sabia javanês”, publicado pela primeira vez em 1911 no jornal *Gazeta da Tarde*, além de ser o mais estudado no Brasil (NEGREIROS, 2019), também é o mais traduzido: foi vertido para o alemão, chinês, espanhol, francês, inglês e japonês, sendo que para o espanhol contou com cinco traduções diferentes, publicadas em países da América Latina, e para o inglês teve três traduções, duas publicadas nos Estados Unidos e uma na Inglaterra (BOTTMANN, 2018).

Para o francês, foi traduzido como “L’homme qui parlait javanais” por Monique Le Moing e publicado em uma coletânea bilíngue de contos de Lima Barreto em 2012, pela *Éditions Chandeigne*. A partir da percepção de que há uma diferença entre o narrador-protagonista de “O homem que sabia javanês” e o de “L’homme qui parlait javanais”, propõe-se no presente artigo uma análise de trechos onde essa diferença fica mais evidente, tendo como base as tendências deformadoras descritas por Antoine Berman (2014).

Assim, busca-se identificar quais dessas tendências atuaram no texto de chegada, resultando diretamente na diferenciação do narrador-protagonista em relação ao texto de partida. Antes da análise propriamente dita, se discutirá como Lima Barreto foi recebido no Brasil e como essa crítica influenciou a tradutora. Posteriormente, o conto será apresentado brevemente e um pouco sobre a sua passagem para a língua francesa será abordado, para enfim, os trechos selecionados serem analisados.

Com este artigo, pretende-se colaborar com a ampliação da presença de Lima Barreto no campo dos Estudos da Tradução, já que, apesar de sua obra vir sendo cada vez mais estudada por pesquisadores dos Estudos Literários, há ainda pouquíssimos trabalhos dedicados à análise de Lima Barreto traduzido.¹

2 QUAL LIMA BARRETO A TRADUTORA CONHECEU?

Em vida, Lima Barreto e sua obra foram envolvidos por críticas negativas ou pelo simples silêncio. Foram necessários anos após a sua morte para que essa situação fosse, pelo menos em parte, revertida, com a republicação de seus textos já publicados e a publicação de textos inéditos,

¹ Até o momento de elaboração deste artigo, foram encontrados apenas dois trabalhos apresentados em programas de pós-graduação voltados aos Estudos da Tradução, ambos em 2019: a dissertação de mestrado de Nicolas Gomez, intitulada *Lima Barreto no Rio Prata: tradução comentada do conto “O homem que sabia javanês” para o espanhol rio-platense*, apresentada ao POSTRAD da UnB e a tese de doutorado de Michel Emmanuel Félix François, intitulada *Tradução comentada: Marginalidade em três contos de Afonso Henriques de Lima Barreto*, apresentada à PGET da UFSC.

a partir dos anos 1940. Aqui se diz “em parte” porque muito do discurso presente na crítica negativa feita sobre as obras do autor à época do seu lançamento, parece ter se cristalizado, estando presente em apreciações mais recentes, tocando principalmente em pontos como o pretense biografismo ou a aparente linguagem desleixada.

A respeito do primeiro ponto, o discurso em torno de um suposto biografismo dos textos de Lima Barreto vem se repetindo desde o lançamento de seu primeiro romance, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, em 1909, quando José Veríssimo, em carta para o autor, afirma que essa obra apresenta o defeito de ser “pessoalíssimo” (BARBOSA, 2017, p. 187). Anos mais tarde, em 1956, em prefácio para a edição de *Clara dos Anjos* da editora Brasiliense, Sérgio Buarque de Holanda diz que a “obra desse escritor é, em grande parte, uma confissão de amarguras íntimas, de ressentimentos, de malogros pessoais” (HOLANDA, 2017, p. 36). Afirmar que Lima Barreto é pessoal nos seus textos e que com eles faz apenas confissões, é invalidar a sua atividade criativa, como o faz Antonio Arnoni Prado quando diz que “nos seus escritos, os assuntos não eram propriamente ‘narrados’, mas apenas organizados” (PRADO, 1997, p. 527 *apud* KURZ, 2020, p. 112), como se o autor fosse mero transcritor a passar para o papel experiências vivenciadas ou presenciadas.

Essa leitura da obra de Lima Barreto, feita a partir de sua vida, está presente inclusive nas suas duas biografias, na que foi elaborada por Francisco de Assis Barbosa, em 1952, e na realizada por Lilia M. Schwarcz, mais de meio século depois, em 2017 (KURZ, 2020). Nelas, na ausência de material para reconstruir a vida do autor, sua obra passa a ser fonte de informações, já que há a compreensão de que ele se colocava por inteiro em seus textos por ter lhe faltado a arte de se esconder, como afirmou Veríssimo na referida carta. Disso, resultam afirmações como: “disse Lima Barreto pela boca de Isaías Caminha” (BARBOSA, 2017, p. 79) ou “é fácil perceber como Lima não faz nenhum esforço de se disfarçar no meio de seu texto” (SCHWARCZ, 2017, p. 146). Sua vida então passa a ser retraçada a partir de sua obra.

Quanto ao segundo ponto, a aparente linguagem desleixada, mais uma vez José Veríssimo está nas origens de um discurso que passou a ser repetido. Na já mencionada carta, ele afirma que *Recordações do escrivão Isaías Caminha* tem “muitas imperfeições de composição, de linguagem, de estilo” (BARBOSA, 2017, p. 186). Em 1982, é possível perceber a fala de Veríssimo ressoando no ensaio “Uma ferroada no peito do pé”, onde Silviano Santiago fala sobre *Triste fim de Policarpo Quaresma* e comenta que o seu autor é “conhecido pela negligência com que cercava o processo da criação literária” (SANTIAGO, 2019, p. 228). Ambos, ao lado de vários outros críticos, foram incapazes de perceber que na aparente imperfeição da linguagem residia, na verdade, sua inovação (NOLASCO-FREIRE, 2005) que “uma apreciação pouco analítica recusa simplesmente como erro ou incompetência” (LINS, 1976, p. 17).

A visão de um Lima Barreto que se mostra nos seus textos, a ponto de falar através de seus personagens, e que escreve com desleixo, predominou por muito tempo no Brasil, constituindo praticamente o único ponto de vista sobre a obra do autor (KURZ, 2020). Foi esse Lima Barreto que Monique Le Moing conheceu e foi com a visão predominante no Brasil que ela acolheu o autor de *O homem que sabia javanês* e fez com que a França o conhecesse, já que ela pode ser considerada a tradutora de Lima Barreto para a língua francesa,² por ter traduzido a maior parte dos seus textos publicados em francês: além da coletânea bilíngue *L’homme qui parlait javanais*, que traz seis contos do autor, publicada em 2012 pela *Éditions Chandeigne*, também traduziu três

² Antes de Monique Le Moing, há apenas mais dois trabalhos de tradução de textos de Lima Barreto para o francês: em 1952, o conto *O homem que sabia javanês* foi traduzido como *L’homme qui savait le javanais*, por tradutor não identificado, e publicado na revista francesa *Elle*; e, em 1989, o conto *Sua Excelência* foi traduzido como *Son excellence* por Catherine Orfila e publicado em uma coletânea bilíngue de contos brasileiros intitulada *Fleur, téléphone et jeune fille... et autres contes brésiliens* (BARBOSA, 2017).

dos seus romances, juntamente com Marie-Pierre Mazéas, publicados pela *Éditions L'Harmattan*, entre 1989 e 1994,³ e onze contos divididos em três volumes publicados pela *Éditions Rafael de Surtis*, em 1998.⁴

Quando Monique Le Moing comenta sobre os textos de Lima Barreto, ela reproduz a ideia de biografismo quando diz que muito do que o autor apresenta “frequentemente se trata de transposição imediata de uma experiência pessoal na obra” (LE MOING, 1999, p. 120, tradução nossa).⁵ No posfácio de *Souvenirs d'un gratte-papier* – assinado pelas duas tradutoras, Monique Le Moing et Marie-Pierre Mazéas –, afirma-se que “nos seus escritos – em grande parte autobiográficos – pode-se perguntar onde começa o papel de Isaías Caminha e onde termina o do próprio Lima Barreto” (LE MOING; MAZÉAS, 1989, p. 215, tradução nossa).⁶

A ideia de uma escrita desleixada também parece ter influenciado a visão da tradutora sobre a escrita do autor, influência que fica evidente no posfácio de *Souvenirs d'un gratte-papier*, onde é reproduzido um comentário de Francisco de Assis Barbosa: “seu estilo é um pouco desigual na composição e na estrutura, e sua linguagem um pouco desleixada” (LE MOING; MAZÉAS, 1989, p. 216, tradução nossa),⁷ mas, segundo as tradutoras, isso se justificaria pelo “fato de que Lima Barreto escrevia em condições pouco propícias ao rigor formal” (LE MOING, 2012, p. 142, tradução nossa),⁸ condições como “a doença – ele era alcoólatra e foi internado diversas vezes” (LE MOING; MAZÉAS, 1989, p. 216, tradução nossa)⁹ e saber disso faria o leitor perdoar o suposto desleixo do autor já que ele não pôde “dedicar o tempo necessário para aperfeiçoar sua escrita” (LE MOING; MAZÉAS, 1989, p. 216, tradução nossa).¹⁰

Para analisar “L’homme qui parlait javanais”, é importante que se tenha em mente a forma como a tradutora do conto recebeu o autor e sua escrita, pois as questões aqui levantadas, principalmente a que diz respeito a uma pretensa escrita desleixada, podem ter interferido em algum ponto do processo de tradução. Ao considerar a linguagem de Lima Barreto desleixada, por exemplo, a tradutora teria interferido de forma a produzir um texto de chegada mais bem escrito, em prol de um “bom francês”? Se a resposta a essa pergunta for positiva, a tradução analisada de “O homem que sabia javanês” corresponderia a uma das características presentes nas traduções de literatura brasileira para a língua francesa: a da resistência à informalidade (TORRES, 2014).

3 “O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS” E “L’HOMME QUI PARLAIT JAVANAIS”

“O homem que sabia javanês” foi publicado pela primeira vez em 20 de abril de 1911, no jornal *Gazeta da Tarde* (BARBOSA, 2017). Como muitos outros textos de Lima Barreto, que eram primeiramente publicados em jornais e posteriormente em livros, quando o eram, foi publicado

³ *Recordações do escrivão Isaías Caminha* foi traduzido como *Souvenirs d'un gratte-papier* e publicado em 1989; *Triste fim de Policarpo Quaresma* foi traduzido como *Sous la bannière étoilée de la Croix du Sud* e publicado em 1992; *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* foi traduzido como *Vie et mort de Gonzaga de Sá* e publicado em 1994.

⁴ Os três volumes são: *Le fils de Gabriela et deux autres contes*, *Un amer tourment et trois autres contes* et *La nouvelle Californie et trois autres contes*.

⁵ “Souvent il s’agit de la transposition immédiate d’une expérience personnelle dans l’œuvre”.

⁶ “[...] dans ses écrits – en grande partie autobiographiques [sic] – on peut se demander où commence le rôle d’Isaías Caminha et où finit celui de Lima Barreto lui-même”.

⁷ “son stylo est un peu inégal dans la composition et la structure, et sa langue un peu relâchée”.

⁸ “[...] fait que Lima Barreto écrivait dans des conditions peu propices à la rigueur formelle [...]”.

⁹ “[...] la maladie – il était alcoolique et fut interné plusieurs fois”.

¹⁰ “[...] consacrer le temps nécessaire à paufiner [sic] son écriture”.

também na primeira edição de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, em 1915, acompanhado de mais seis outros contos selecionados pelo autor.

Nesse conto, Castelo fala de um encontro que teve com seu amigo Castro, para quem narra como saiu da miséria enquanto bacharel fracassado, se passando por adivinho para conseguir dinheiro, e chegou ao cargo de cônsul do Brasil, fingindo ser professor de javanês para o barão de Jacuecanga, um aristocrata em decadência.

Para este trabalho, não se entrará em detalhes quanto a possíveis interpretações do conto, mas é importante que alguns pontos sejam destacados, principalmente em relação ao narrador-protagonista. Castelo, desde o início, assume-se enganador, comparando-se à figura de Gil Blas, personagem picaresco de Lesage, e o faz com orgulho, como a se gabar de seus atos. Mas da forma como ele se apresenta no decorrer da narrativa, é difícil para o leitor identificar sua “essência”: Castelo finge ser o que não é em função de uma característica psicológica? Ou suas atitudes são inconscientemente resultado da sociedade na qual ele está inserido? Ou Castelo tem plena consciência das mazelas da sociedade e se aproveita delas utilizando da esperteza para atingir o sucesso? Ou um pouco de tudo isso?

Mesmo na impossibilidade de “definir” Castelo, é possível perceber certas características da sociedade apresentada no conto, pano de fundo recorrente nos textos de Lima Barreto: o arri-ismo profissional e a ascensão da moleza intelectual (OAKLEY, 2011) acontecendo a partir de um saber não existente, ou píffio, e não verificado. Assim como Bogóloff,¹¹ o imigrante russo que, diante de dificuldades financeiras, assume um conhecimento que não tem e passa a ocupar postos importantes, Castelo, saído do norte do país para a capital federal, se passa por professor de javanês e, com a influência do seu aluno, o Barão de Jacuecanga, chega a um cargo importante. Talvez o foco da crítica presente no conto não esteja no indivíduo corrompido, mas na sociedade que permite que muitos desses indivíduos cheguem ao poder, como afirma Osório Borba em um texto publicado no periódico A.B.C., em 1925:

Aquella satyra do homem que sabia javanez, de Lima Barreto, não é uma invenção humoristica. O scenario politico, scientifico, literario, mundano, está tomado por homens de quem se disse uma vez, por acaso, que sabiam javanez: de quem se proclamaram os conhecimentos profundos, a erudição vasta e... misteriosa [sic].¹²

Esse conto chegou à França pela primeira vez em 1952, como “L’homme qui savait le javanais”, por tradutor não identificado, e publicado na revista francesa *Elle* (BARBOSA, 2017). Porém, além dessa ter sido uma tradução parcial, já que alguns trechos foram retirados, aparenta ser uma tradução indireta, tendo como texto de partida “El hombre que sabía javanês”, tradução de Braulio Sánchez Sáez, publicada em 1946, na *Primera antología de cuentos brasileños*, em Buenos Aires (GOMEZ, 2019). “L’homme qui parlait javanais”, por Monique Le Moing, é, portanto, a primeira tradução integral do conto para o francês, publicada pela *Éditions Chandeigne*, em 2012.

Monique Le Moing também publicou a tradução desse conto em 2010, na revista franco-portuguesa *Sigila*, de cujo comitê de redação para assuntos relacionados à literatura brasileira ela

¹¹ Personagem que surge no conto “Numa e a Ninfa”, de 1911, reaparece em *As Aventuras do Doutor Bogóloff*, de 1912, e, posteriormente, no romance *Numa e a Ninfa*, de 1915, onde a narrativa do conto é retomada.

¹² “Variações sobre velhos motivos”, texto de Osório Borba publicado em 30 de maio de 1925, no periódico A.B.C. (p. 11).

faz parte.¹³ Observando o texto de chegada presente nessa revista e comparando-o com o texto de partida, que foi publicado juntamente, é possível perceber que há indícios de que, provavelmente, a tradutora utilizou mais de um texto de partida como base. O texto de chegada parece ser resultado da mistura desses textos de partida, o que foi analisado de forma mais detalhada, em busca de possíveis interferências nas alterações de apresentação do narrador-personagem. Como não foram encontradas interferências, a análise comparativa dos textos de partida e de chegada não será incluída no presente trabalho.

4 A ANÁLISE DE “L’HOMME QUI PARLAIT JAVANAIS”

Para esta análise, foram selecionados cinco trechos, apresentados como casos, nos quais ficam mais evidentes, comparando texto de partida e de chegada, alterações que resultem em uma leitura diferente do narrador-protagonista. Para cada trecho, serão identificadas e descritas as tendências deformadoras (BERMAN, 2014) que têm relação direta com essas mudanças.

Antoine Berman (2014), em *A tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo*, ao apresentar o que viria a ser uma tradução etnocêntrica – aquela que se centra no que é próprio e adapta o outro a si – e hipertextual – que empreende todo tipo de transformação em um texto já existente para gerar outro –, justifica começar deste ponto pelo fato de esses traços estarem há séculos presentes no ato tradutório. Mesmo que as transformações tenham se tornado mais sutis ao longo do tempo, a ideia de tradução como naturalização de um texto estrangeiro ainda se faz presente, em maior ou menor grau, e os vestígios dessa naturalização podem ser entrevistados a partir da identificação de tendências, ou forças, deformadoras que operam mais ou menos livremente, a depender do caráter da tradução – se etnocêntrica ou não –, mas às quais todo tradutor está exposto.

Berman (2014) descreve treze tendências, mas o foco deste artigo estará naquelas que operaram modificando a forma como o personagem é apresentado e a forma como ele pode ser lido. Outras tendências também podem atuar concomitantemente, mas, se não tiverem relacionadas diretamente a essas modificações, não serão mencionadas aqui.

Tabela 1 – Caso 1

Trecho do texto de partida	Trecho do texto de chegada
Em uma confeitaria, certa vez, ao meu amigo Castro, contava eu as partidas que havia pregado às convicções e às respeitabilidades, para poder viver.	Un jour, dans un café, j’enumerais pour mon ami Castro toutes les entorses à mes principes auxquelles j’avais dû me livrer pour survivre.

Fonte: elaborada pelas autoras a partir de Barreto (2012, p. 20-21).

No caso 1 (Tabela 1) tem-se o primeiro parágrafo do conto e no texto de partida o narrador, Castelo, fala de “convicções” e “respeitabilidades” que foram atingidas por “partidas” pregadas por ele, mas não há definição quanto a quem pertenceriam essas convicções e respeitabilidades: ao próprio Castelo ou às pessoas que foram enganadas por ele? Na verdade, nesse ponto, Castelo ainda não apresentou seu perfil farsante e, em função disso, a tendência do leitor, nesse momento, talvez seja de assumir que ele está falando de si mesmo. Mas no decorrer da leitura, percebe-se que há uma ambiguidade, talvez colocada de forma proposital, e ela desaparece no texto de chegada com o uso do possessivo “mes”, definindo que os princípios atingidos pertencem a Castelo, e com

¹³ “L’homme qui parlait javanais”. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-sigila-2010-2-page-125.htm>.

a utilização do verbo reflexivo “se livrer” conjugado na primeira pessoa, marcando que ele executou uma ação sobre si próprio, a de se submeter.

Sobre isso, volta-se à questão mencionada anteriormente sobre a dúvida quanto ao caráter de Castelo, presente no texto de partida: ele seria enganador em função de um traço psicológico ou teria se tornado enganador em função da sociedade em que vivia? Enquanto o texto de partida deixa a dúvida – talvez essa definição nem seja o mais importante para a narrativa –, o texto de chegada pende para a segunda opção: Castelo tinha princípios que foram transgredidos para que ele pudesse viver.

A definição do indefinido está diretamente associada à tendência deformadora que Berman (2014) chama de “clarificação”, que está relacionada “ao nível de ‘clareza’ sensível das palavras ou de seus sentidos” (BERMAN, 2014, p. 70). Mesmo que essa tendência seja intrínseca ao próprio ato de traduzir, que é explicitante, ela pode se tornar negativa quando explicita o que não está “claro” e que talvez fosse da sua natureza não estar.

Tabela 2 – Caso 2

Trecho do texto de partida	Trecho do texto de chegada
Sai do café e andei pelas ruas, sempre a imaginar-me professor de javanês, ganhando dinheiro, andando de bonde e sem encontros desagradáveis com os « cadáveres ».	Je sortis du café et traînai dans les rues, me voyant déjà professeur de javanais, gagnant de l’argent, prenant les tramways, enfin délivré de mes « victimes ».

Fonte: elaborada pelas autoras a partir de Barreto (2012, p. 22-23).

No caso 2 (Tabela 2), onde tem-se no texto de partida “cadáveres”, há no texto de chegada “victimes”, ambos os termos entre aspas. No dicionário *Aulete Digital*,¹⁴ para “cadáver”, além do sentido mais direto, o de um corpo morto, um dos significados possíveis, no português brasileiro popular, é “pessoa a quem se deve dinheiro; credor”. O *Michaelis On-line*¹⁵ confirma, trazendo uma significação similar, indicada como de uso pejorativo: “credor, cobrador de dívidas”. Então, quando Castelo fala em “cadáveres” ele está se referindo aos cobradores das dívidas que ele contraiu ou às próprias pessoas a quem ele deve dinheiro.

No texto de chegada, o uso da palavra “victimes”, por mais que esteja entre aspas, o que indica um sentido conotativo, não permite que o leitor pense de forma direta nessas “vítimas” como vítimas de um calote. Outra questão em relação a esse trecho é o uso do possessivo “mes” por Castelo no texto de chegada, enquanto no texto de partida ele usa simplesmente o artigo definido “os”. As pessoas que emprestaram dinheiro para Castelo e não foram pagas, com certeza se viram como vítimas; uma terceira pessoa analisando o fato por fora, como o seu amigo Castro, talvez visse essas pessoas como vítimas. Mas Castelo as veria como tal? Além disso, ele assumiria isso para outra pessoa e falaria dessas vítimas como “suas”? Colocar essa fala na boca do personagem é dar a ele um traço de personalidade bastante negativo que está ausente no texto de partida.

A escolha da palavra “victimes” pela tradutora parece estar relacionada ao sentido que ela atribui ao termo “cadáver”. No texto de partida publicado na revista *Sigila*, há uma nota explicativa para o termo onde se lê: “Gíria da época: suas ‘vítimas’” (BARRETO, 2010, p. 116). Não se sabe quem elaborou a nota, a tradutora ou o editor da versão que serviu de base para a tradução, mas há uma confusão na interpretação da expressão da época, já que os “cadáveres” poderiam ser de fato as vítimas de um calote, mas também poderiam ser os responsáveis pela cobrança, que não

¹⁴ <https://aulete.com.br/cad%C3%A1ver>

¹⁵ <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cad%C3%A1ver/>

seriam necessariamente os credores. Então o uso do termo “vítima” acaba sendo resultado da atuação da tendência denominada por Berman (2014) de “empobrecimento qualitativo”.

Essa tendência “remete à substituição dos termos, expressões, modos de dizer etc. do original por termos, expressões, modos de dizer, que não têm nem sua riqueza sonora nem sua riqueza significativa ou – melhor – icônica” (BERMAN, 2014, p. 75). O termo “victimes” não tem a mesma riqueza icônica de “cadáveres” e o seu uso obriga que a pergunta “vítima de quê ou de quem?” seja respondida. A resposta foi dada com o uso do possessivo “mes”, o que acaba indicando a atuação da tendência já mencionada “clarificação”, resultando na alteração da leitura que se faz do personagem e o que ilustra a inter-relação entre as tendências, pois “algumas convergem, ou derivam das outras” (BERMAN, 2014, p. 67): aqui, a atuação da “clarificação” é derivada do “empobrecimento qualitativo”.

Tabela 3 – Caso 3

Trecho do texto de partida	Trecho do texto de chegada
Em toda a minha vida, foi o único momento em que cheguei a sentir a simpatia da natureza...	Ce fut le seul moment de ma vie où j'éprouvai de la sympathie pour la nature...

Fonte: elaborada pelas autoras a partir de Barreto (2012, p. 28-29).

No caso 3 (Tabela 3), enquanto no texto de partida quem sente a simpatia é a natureza, ela é simpática com Castelo e ele diz sentir isso pela primeira vez, como se até então a natureza tivesse sido indiferente ou cruel com ele, no texto de chegada, quem sente a simpatia é Castelo. Ele sente simpatia pela natureza pela primeira vez, o que leva a entender que, até então, ele havia sido indiferente em relação a ela.

Essa indiferença vinda de Castelo, no texto de chegada, e manifestada explicitamente por ele, pode ser lida como um traço negativo ausente no texto de partida, originado no uso de “pour la” no lugar de “de la”, mais condizente com o texto de Lima Barreto. Essa troca é resultado da atuação da tendência deformadora “empobrecimento qualitativo”, já descrita anteriormente, pois o sentido sofre alteração.

É interessante observar que essa mesma mudança também acontece nas cinco traduções para o espanhol publicadas em países da América Latina entre 1946 e 2008, como apresentado na tabela abaixo (Tabela 4):

Tabela 4

Trecho do caso 3 em 5 traduções para o espanhol				
Braulio Sánchez Sáez (1946)	Raúl Navarro (1946)	Graña Etcheverry (1996)	José Luis Sánchez (2004)	Pablo Rocca (2008)
En toda mi vida fue ése el momento en que sentí cierta simpatía por la naturaleza.	De toda mi vida, fue éste el único momento en que llegué a sentir simpatía por la naturaleza.	En toda mi vida, fue el único momento en que llegué a sentir simpatía por la naturaleza...	En toda mi vida, ese fue el único momento en que he sentido cierta simpatía por la naturaleza.	En toda mi vida, ese fue el único momento en que simpatice con la naturaleza.

Fonte: elaborada pelas autoras a partir de Gomez (2019, p. 425).

Em todas essas traduções, quem sente a simpatia também é Castelo, o que pode indicar que a tradutora talvez tenha tido acesso a um desses textos de chegada e que, nesse ponto, tenha tido a sua interpretação influenciada.

Tabela 5 – Caso 4

Trecho do texto de partida	Trecho do texto de chegada
Um tanto trôpego, com o lenço de alcobaça na mão, tomando veneravelmente o simonte de antanho, foi cheio de respeito que o vi chegar.	Puis je vis arriver un homme plein de dignité, qui boitait légèrement, un mouchoir de métais à la main, humant voluptueusement le tabac à priser d'autrefois.

Fonte: elaborada pelas autoras a partir de Barreto (2012, p. 30-31).

No caso 4 (Tabela 5), o trecho do texto de partida traz uma cena em que a ordem dos elementos descritos corresponderia à visão que Castelo teve do Barão de Jacuecanga se aproximando na primeira vez em que eles se encontram, e essa ordem está relacionada a um efeito: o respeito que Castelo sente pelo Barão, sentimento que faz com que ele pense em desistir de seguir com o plano de enganá-lo se passando por professor de javanês.

No trecho correspondente no texto de chegada, duas tendências deformadoras são observadas: a “racionalização” e o já mencionado “empobrecimento qualitativo”. De acordo com Berman (2014), a racionalização atua principalmente nas estruturas sintáticas do texto e na sua pontuação, gerando uma recomposição das “frases e sequências de frases de maneira a arrumá-las conforme uma certa ideia da *ordem* de um discurso” (BERMAN, 2014, p. 68). E é exatamente uma “arrumação” diferente que é proposta pela tradutora, mas com ela a relação de “causa” – a visão da aproximação do Barão de Jacuecanga que emanava algo de respeitoso – e “efeito” – o sentimento de respeito que Castelo sente pelo Barão – desaparece.

O que também desaparece é a explicitação desse sentimento de respeito por parte de Castelo, já que no texto de chegada “cheio de respeito” passa a caracterizar o próprio Barão e não o sentimento do narrador-protagonista, o que indica a atuação da tendência “empobrecimento qualitativo”. No texto de partida, fica evidente uma relação de reciprocidade: a descrição da aproximação do Barão leva à compreensão de que o respeito é emanado por sua imagem e é sentido por Castelo. Já no texto de chegada, essa via de mão dupla não é explicitada, com a alteração da apresentação da ordem dos elementos, e apenas a emanação de respeito por parte do Barão é descrita, sem que Castelo deixe evidente que ele recebe essa emanação e sente respeito como resposta a ela. Nesse ponto, um traço positivo do personagem no texto de partida é, se não apagado, atenuado no texto de chegada.

Tabela 6 – Caso 5

Trecho do texto de partida	Trecho do texto de chegada
Os chefes de seção levaram-me aos oficiais e amanuenses e houve um destes que me olhou mais com ódio do que com inveja ou admiração.	Les chefs de service me conduisirent aux agents et aux ronds-de-cuir et l'un d'eux me regarda même avec plus de haine que d'envie ou d'admiration.

Fonte: elaborada pelas autoras a partir de BARRETO (2012, p. 42-43).

No caso 5 (Tabela 6), o destaque é dado para o termo “amanuense” no texto de partida e o seu correspondente no texto de chegada, “rond-de-cuir”. De acordo com o *Aulete Digital*,¹⁶ “amanuense” era um “funcionário público que copiava ou registrava documentos”, e no *Michaelis On-line*¹⁷ tem-se que o termo se refere a um “empregado de repartição pública, encarregado geralmente de fazer cópias, registros e alguma correspondência oficial” ou àquele “que copia textos

¹⁶ <https://aulete.com.br/amanuense>

¹⁷ <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/amanuense/>

à mão; copista, escrevente, secretário”. É importante destacar que o próprio Lima Barreto foi amanuense da Secretaria de Guerra por quase 15 anos (BARBOSA, 2017).

Já “rond-de-cuir” em francês, de acordo com o dicionário do CNRTL,¹⁸ é uma forma pejorativa ou irônica de se referir a um funcionário público e, por extensão, pode indicar uma pessoa que se comporta de forma indolente no exercício de uma atividade administrativa. Esse sentido pejorativo ou irônico não está presente no texto de partida e inserido na narração feita por Castelo, confere a ele uma negatividade antes ausente, o que se caracteriza como indica a atuação da tendência “empobrecimento qualitativo”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto ao longo do artigo, conclui-se que das treze tendências deformadoras descritas por Berman (2014), três atuaram diretamente nos trechos analisados alterando a forma como Castelo é apresentado em “L’homme qui parlait javanais”: clarificação, empobrecimento qualitativo e racionalização. Há uma predominância da atuação do “empobrecimento qualitativo”, presente em quatro dos cinco trechos analisados, o que pode ser facilmente compreendido quando se sabe que essa tendência atua no campo do sentido e que, se há alguma alteração na forma como o personagem é apresentado e, conseqüentemente, lido e interpretado, é porque algo relacionado à significação está sofrendo alteração.

No caso do “empobrecimento qualitativo”, a alteração de sentido pode ter sua origem em uma confusão interpretativa por parte da tradutora, algo que não tem a ver com um desejo consciente de intervir no sentido, como é o caso do uso de “victimes” para traduzir “cadáveres” ou do deslocamento da simpatia sendo sentida pelo personagem e não pela natureza, mas a atuação de uma tendência deformadora pode acontecer por uma atitude mais consciente da tradutora, como é o caso da “clarificação”.

Saber que Monique Le Moing conheceu um Lima Barreto que era visto como um escritor que empregava uma linguagem desleixada, sendo provavelmente influenciada pela crítica predominante no Brasil sobre o autor e sua obra, e perceber que ela permitiu que tendências como a “clarificação” atuassem no seu texto de chegada pode indicar uma necessidade de “corrigir” o autor, “melhorando” seu texto.

Da mesma forma que o próprio Lima Barreto foi estigmatizado e, como consequência, sua obra foi lida a partir de uma leitura praticamente hegemônica – como produto de uma escrita negligente e descuidada e da incapacidade do autor de se esconder – o homem que falava javanês é um personagem que não permite tantas leituras como aquele que sabia javanês.

REFERÊNCIAS

BARRETO, L. *Bagatelas*. Rio de Janeiro: Empresa de Romances Populares, 1923.

BARRETO, L. O homem que sabia javanês. *Sigila*, v. 26, n. 2, p. 115-124, 2010. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-sigila-2010-2-page-115.htm>. Acesso em: 30 maio 2021.

BARRETO, L. O homem que sabia javanês. In: BARRETO, L. *L’homme qui parlait javanais*. Tradução de Monique Le Moing. Paris: Chandeigne. 2012. p. 20-51. (Edição Bilingue).

¹⁸ <https://www.cnrtl.fr/lexicographie/rond-de-cuir>

- BARBOSA, F. de A. *A vida de Lima Barreto: 1881-1922*. 11. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- BERMAN, A. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. 2. ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2014.
- BORBA, O. Variações sobre velhos motivos. *A. B. C.*, p. 11, maio 1925.
- BOTTMANN, D. Lima Barreto em tradução. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v. 1, n. 44, p. 313-330, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1145>. Acesso em: 6 jul. 2021.
- CRUZ, D. F. da. L'homme qui parlait brésilien. In: BARRETO, A. H. de L. *L'homme qui parlait javanais*. Tradução de Monique Le Moing. Paris: Chandeigne, 2012. p. 7-19.
- GOMEZ, N. *Lima Barreto no Rio Prata: tradução comentada do conto "O homem que sabia javanês"* para o espanhol rio-platense. 2019. 449 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/35590>. Acesso em: 28 jun. 2021.
- HOLANDA, S. B. de. Prefácio. In: BARRETO, L. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- KURZ, G. T. Ler os manuscritos de Lima Barreto. *Manuscritica: Revista de Crítica Genética*, São Paulo, n. 40, p. 112-123, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/view/177979>. Acesso em: 24 maio 2021.
- LE MOING, M. Lima Barreto, une figure singulière de la littérature brésilienne. In: BARRETO, L. *L'homme qui parlait javanais*. Tradução de Monique Le Moing. Paris: Chandeigne, 2012. p. 139-142.
- LE MOING, M. Entre Histoires et Songes: aspect social des contes de Lima Barreto. In: QUINT, A.-M. (org.). *Le conte en langue portugaise: études de cas*. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1999. p. 105-121.
- LE MOING, M.; MAZÉAS, M.-P. Postface. In: BARRETO, L. *Souvenirs d'un gratte-papier*. Tradução de Monique Le Moing, Marie-Pierre Mazéas. Paris: Éditions L'Harmattan, 1989. p. 215-216.
- LINS, O. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.
- LOPES, J. M. *A recepção de Lima Barreto em Portugal: documentação* Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; São Paulo: Unesp Digital/CLEPUL, 2020. Disponível em: <https://pt.calameo.com/books/001827977822064c24799>. Acesso em: 21 ago. 2021.
- NEGREIROS, C. O homem que sabia javanês ou a potência do saber. In: NEGREIROS, C. *Lima Barreto em quatro tempos*. Belo Horizonte: Relicário, 2019. p. 73-83.
- NOLASCO-FREIRE, Z. *Lima Barreto: imagem e linguagem*. São Paulo: Annablume, 2005.
- OAKLEY, R. J. *Lima Barreto e o destino da literatura*. São Paulo: Unesp, 2011.

SANTIAGO, S. Uma ferroada no peito do pé: dupla leitura de Triste fim de Policarpo Quaresma. *In*: SANTIAGO, S. *35 ensaios de Silvano Santiago*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 228-243.

SCHWARCZ, L. M. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

TORRES, M.-H. C. *Traduzir o Brasil Literário: história e crítica*. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2014. v. 2.